

A “pelada organizada” nos campos do Aterro do Flamengo

Mas o Aterro é um ambiente assim, é... como se fosse o Maracanã, é sagrado pra gente, a gente adora. Apesar daquela sujeira, não tem banheiro, não tem nada, é um lugar sagrado pra gente, pro peladeiro... nós somos na essência peladeiros, e pro peladeiro aquilo é sagrado. Então a gente acha maravilhoso, estar ali pra gente não tem preço.

João, Presidente do Ellite F. C.

4.1. No plural: Futebóis e Peladas na teoria

Início este capítulo com uma discussão teórica sobre futebóis e peladas. Utilizar as expressões no plural foi uma escolha tendo em vista que existem diversas formas de praticar o futebol e a pelada, e que elas diferem entre si.

4.1.1. Futebóis

Mesmo entendendo que, em termos práticos, trata-se do esporte futebol, pluralizar os significados tem como fim sinalizar a existência de diferentes possibilidades e variedades desta atividade.

Cabe dizer, no entanto, que a despeito das variações, os “futebóis” – salvo raras exceções, como o futebol de botão, por exemplo - conformam-se em uma unidade, caracterizada por: existência de duas equipes com objetivos idênticos, mas assimétricos, cuja disputa é mediada por um objeto, a bola, e orientada por um conjunto de regras, orientadas por um órgão oficial (a exemplo da FIFA), ou elaboradas e constantemente reformuladas no momento do jogo.

Muito embora o futebol na sociedade brasileira em si não seja o foco principal deste trabalho, é importante trazer algumas questões relacionadas ao tema. As quadras de futebol do Aterro do Flamengo reúnem centenas de pessoas diariamente para praticar justamente este esporte, o mais importante e valorizado no país, e não qualquer outro.

Segundo uma versão recente, o futebol teria chegado ao Brasil primeiro nas escolas, por meio dos jesuítas, o que contraria a atribuição a Charles Miller como o “pai” do esporte no país. O historiador José Moraes dos Santos Neto apresenta esta tese na obra “Visão de Jogo, primórdios do futebol no Brasil” (2002). No livro o autor resgata, a partir de vasta documentação, como foi a

introdução do futebol por aqui, e afirma que a prática começou nos colégios de São Paulo.

Até 1887, padres e alunos jogavam juntos. Mas não praticavam o chamado association football, que pressupõe a formação de dois times e a existência de um conjunto de regras, mas sim um bate bola na parede, chamado 'bate bolão'. Isso fazia parte de uma estratégia gradual de apresentação do esporte aos alunos. Em seguida, os padres introduziram duas pequenas marcas em paredes opostas do pátio e dividiram a turma em dois times, camisas verdes de um lado e camisas vermelhas de outro. O jogo passou a ter um objetivo concreto, isto é, levar a bola até a parede do time adversário e lavrar um tento fazendo-a bater no espaço delimitado pelas marcas. (SANTOS NETO, 2002, p.15)

Se o esporte era praticado desde meados dos anos 1880, porque é atribuída a Charles Miller a sua introdução no Brasil? Miller apresentou o futebol, jogado apenas nas escolas, à juventude e aos clubes de elite paulistana, estimulando-os a montarem suas equipes. Desta forma, o esporte ganhou destaque na imprensa e se estruturou, o que não ocorria enquanto estava somente dentro dos colégios.

Portanto, no que se refere à paternidade do futebol brasileiro, não é preciso nenhum exame de DNA para se concluir que o pioneirismo de Miller reside no fato de ter iniciado a prática de futebol dentro de um clube, estimulando os outros a praticá-lo também. Com isso, teve início um segundo momento do processo de introdução do futebol em nosso país. O esporte saiu dos colégios, assumiu um caráter explicitamente competitivo (o que de certo tornou mais difundido o conhecimento de suas regras e mais rigorosa a observância das mesmas) e ganhou a posição de esporte preferido da elite paulistana. (SANTOS NETO, 2002, p.30)

Na versão apresentada por Santos Neto, o futebol já existia no Brasil, apenas era menos organizado e com outros objetivos. A institucionalização veio depois, com a introdução das regras e normas do formato inglês. No Brasil começou com a elite – nos colégios e clubes -, mas se espalhou e se tornou popular porque as classes baixas, que não entravam nesses clubes e escolas, praticavam o esporte em outros lugares, de forma improvisada e informal. A popularização do futebol se dá também com a ocupação de espaços variados, como terrenos baldios, várzeas e praias. O futebol no Brasil, mesmo nos colégios com o bate-bolão, começou com ares de pelada, e assim ele se espalhou.

Gilberto Freyre parece ter sido o primeiro intelectual a refletir sobre o futebol brasileiro. No artigo intitulado "Foot-ball mulato", publicado em 1938,

destacou as características do estilo brasileiro de jogar futebol, ao qual designou de “dionisíaco” em oposição ao “apolíneo” do estilo inglês. As formulações de Freyre caminham para reforçar a ideia de que a miscigenação brasileira era um elemento que nos distinguia e produzia uma nação forte, e o futebol ilustraria isso. Nosso futebol seria dionisíaco por reunir os atributos do sangue e cultura africana. Freyre afirma:

o nosso estilo parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos depistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses. (FREYRE, 1938)

Na interpretação de Freyre o modo brasileiro de jogar futebol pode ser traduzido como “futebol-arte”, estilo pelo qual o esporte passou a ser reconhecido interna e externamente. Freyre busca a construção de uma identidade nacional pelo futebol, que por sua popularização naquela época, apresentava-se como um meio eficaz para representar os ideais de nação e identidade nacional.

Em 1947 o jornalista Mario Filho lançou a obra “O Negro no futebol brasileiro” (2003), em que narra a história do futebol carioca, também traçando paralelos entre estilo de jogo e identidade nacional. O livro aborda os primeiros anos do esporte, quando a sua prática tinha contornos elitistas e racialistas, e a posterior inserção de negros e mulatos, batalhando para vencer a discriminação no futebol profissional. Estes jogadores tinham espaço apenas no futebol amador ou nos campos de pelada, sendo excluídos dos clubes de elite.

Em “Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira” (1982), coletânea organizada pelo antropólogo Roberto DaMatta, são publicados artigos de outros profissionais da área, cujo interesse é o futebol pensado na sua relação com a sociedade. No ensaio “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro” (DAMATTA, 1982), DaMatta se propõe a revelar como o futebol aparece como um veículo de dramatizações na sociedade brasileira. O futebol no Brasil seria uma forma pela qual a sociedade fala, se apresenta, se revela e se deixa descobrir. “O futebol como um drama da vida social, como um modo privilegiado de situar um conjunto de problemas socialmente significativos da

sociedade brasileira.” (DAMATTA, 1982, p.40), afirma. Para ele, as dramatizações explicam porque alguns esportes tornam-se populares em diferentes sociedades.

DaMatta diz ainda que o futebol permite juntar o mundo da “casa” e da “rua”, sendo uma forma positiva de cidadania. O futebol possibilitaria aos brasileiros viver essa experiência de igualdade, diferentemente da rotina da sociedade brasileira permeada por relações pessoais, já que no futebol (especificamente dentro de campo) as relações são definidas pelo desempenho.

Já Arlei Damo (2007), antropólogo citado no capítulo anterior, constrói uma interessante classificação do futebol - ou dos “futebóis” – em sua tese que oferece uma análise na qual é possível localizar o esporte especificamente na abordagem aqui perseguida, isto é, como “pelada”. Primeiramente, o futebol é enfocado como uma prática esportiva plural, que vai desde a várzea, passando pelo salão e chegando ao futvôlei e ao botão. O futebol que nos vem à cabeça, aquele praticado por onze jogadores em cada time, com regras ditadas pela FIFA, é apenas mais uma – a mais conhecida – forma de exercer esta atividade.

As matrizes elencadas por Damo na classificação do futebol são: espetacularizada, escolar, bricolada e comunitária. A espetacularizada corresponde ao que hoje conhecemos como futebol profissional: envolve torcida, mídia, jogadores, treinadores e preparadores nos jogos. A escolar se refere basicamente ao futebol praticado na escola, principalmente como atividade curricular. As duas últimas matrizes, a bricolada e a comunitária, estão diretamente relacionadas ao tema de estudo proposto neste trabalho. As explicarei na seção abaixo, em que abordarei as peladas.

Desta forma, Damo destaca as variações da prática do futebol no país, chamando a atenção para as diferenças associadas a cada prática específica, a partir da idéia da existência de não um, mas vários “futebóis” com características próprias.

4.1.2. Peladas

Pelada é uma categoria social que pode assumir diferentes significados, dependendo do contexto em que está colocada. Pode ser utilizada tanto para desqualificar o patamar técnico de um jogo profissional, quanto pode se referir

propriamente a um tipo de partida que, por sua vez, apresenta variações na forma de se praticar. O Aterro do Flamengo, reconhecido como um lugar das peladas no Rio de Janeiro, é recorrentemente lembrado em dias de jogos de futebol profissional de qualidade ruim, como supostamente são as peladas.

Ainda não há um consenso entre os diferentes autores sobre a origem do termo “pelada”. Anatol Rosenfeld (1993) comenta a respeito de duas possibilidades: seriam lugares nos quais os terrenos apresentariam clareiras, e daí viria o nome desses campos não tratados; e uma oposição à primeira bola fabricada no Brasil pelo padre Manuel Gonzales, em Petrópolis. A bola de couro chamada de “peluda”, já gasta por tantos chutes, passava então a ser chamada de “pelada”. Há também referências à palavra “pela”, que significa bola em espanhol, como outra possível origem.

Vale notar, no entanto, que nenhuma das interpretações se relaciona com a forma de se praticar o esporte, mas sim com o lugar onde se pratica. As duas versões convergem ao sugerir a pelada como uma prática constante e recorrente, isto é, capaz de provocar os referidos desgastes ou, ao menos, um uso intensivo do campo e da bola .

O Dicionário Popular do Futebol (1998) de Leonam Penna apresenta duas acepções para pelada: “(1) partida sem lances técnicos, enfadonha. (2) jogo improvisado em que os jogadores (crianças, adolescentes ou adultos) se apresentam geralmente sem uniforme, descalços, podendo ter mais ou menos que onze jogadores.” (PENNA apud GONÇALVES, 2001, p.30). Já peladeiro seria “jogador que não obedece a esquemas táticos”.



Figura 10. Painel exposto no Museu do Futebol, em São Paulo, com uma definição de “Pelada”: “jogo realizado em qualquer tipo de terreno e que pouco segue as regras oficiais. Por isso acabou virando também sinônimo de jogo entre profissionais que apresenta um baixo nível técnico. O nome vem de ‘pêla’, que significa bola de borracha.”

Como já foi salientado na introdução desta dissertação, as peladas ainda não foram tratadas como objeto de pesquisa, ao menos não na mesma medida que o futebol profissional é. Entretanto, ao pesquisar sobre o tema, foi possível encontrar dissertações e teses¹ que me ajudaram a entender e pensar mais sobre o tema. Tais trabalhos não serão discutidos separadamente, tendo em vista que o que foi captado de cada um deles foi especialmente a forma como é descrita e caracterizada a pelada e como os autores elaboraram essa categoria de acordo com as experiências que tiveram em campo. Foi a partir das caracterizações e discussões por eles desenvolvidas que pude amadurecer uma ideia de pelada aqui utilizada: a que é jogada pelo Ellite, naqueles campos do Aterro do Flamengo.

A pelada é caracterizada quase sempre pela informalidade e pela espontaneidade na organização e prática dos jogos. Estes são agendados de acordo com a possibilidade dos participantes, nos seus momentos de lazer, podendo ser marcados e desmarcados de acordo com os interesses dos participantes. Pode ser realizada juntando-se um número indeterminado de pessoas que não precisam

¹ São eles: “Desvendando o jogo: o futebol amador e a pelada na cidade e no sertão”, de Rosângela Duarte Pimenta; “A crise da cidade em jogo. O futebol na contramão em ruas da Penha”, de Glauco Roberto Gonçalves; “Futebol de rua: uma rede de sociabilidade”, de Jorge Ideo Tokuyochi.

necessariamente se conhecer ou ter qualquer relação: basta estarem dispostos a jogar naquele momento. Há ainda a possibilidade de ser jogada sempre pelos mesmos jogadores, que formarão um time fixo. Ou seja, o grupo pode se formar apenas para aquela partida, pode mesmo mudar durante esta, e pode já existir previamente e se encontrar com regularidade. As peladas, portanto, assumem diferentes formatos em diferentes circunstâncias.

Normalmente a pelada está pautada no improviso, na subversão ou alteração das regras da FIFA, mantendo-se apenas a impossibilidade de tocar a bola com as mãos, o que seria a única regra invariável comum a todas as peladas. Não é obrigatório o uso de uniforme, e as equipes utilizam formas variadas para se identificarem dentro de campo, sendo a mais comuns os “com camisa *versus* os sem camisa” ou coletes de cores diferentes. O uso de chuteiras é desnecessário, assim como a presença de uma bola oficial em campo.

Não vigora a regra do impedimento e não há número fixo de jogadores em campo. As faltas são determinadas pelos participantes de acordo com o esquema “pediu, parou” e na maioria das vezes não há juiz, sendo então os jogadores os responsáveis pelo comportamento leal dentro de campo. Aliás, a presença de juiz em determinadas peladas é considerada como totalmente desnecessária e a ausência de um poder “oficial” reforça a ideia de uma “autogestão futebolística” possível (e desejável) na pelada. As regras, portanto, podem ser criadas e recriadas de acordo com quem está jogando, com objetivo de tornar o jogo mais interessante e até mesmo mais divertido.

Retomando as matrizes elencadas por Arlei Damo, temos duas que se referem às peladas, ou ao futebol amador: a bricolada e a comunitária.

O termo bricolagem, ao invés de “improvisado” ou “informal”, foi escolhido pelo autor para não designar um déficit nessa prática não-profissional. A bricolagem seria, inclusive, uma característica própria das peladas, em que jogar descalço ou não ter número fixo de jogadores em campo, contrariamente ao que a regra oficial determina, não constitui um problema e sim diferencia essa atividade das outras.

Praticado em momentos de lazer, o futebol “bricolado” é fortemente marcado pela sociabilidade que, dependendo da regularidade e dos laços construídos, vai além da partida em si. É o exemplo do Ellite, uma equipe formada por amigos de colégio, que enxerga nas peladas uma maneira de se

manterem próximos. As tensões inerentes às atividades esportivas são administradas pelo grupo, podendo ser dissolvidas em dribles constrangedores ou brincadeiras. A este futebol praticado em ruas, praças, parques de todo país de forma displicente e “malandra”, é atribuída a característica peculiar do futebol brasileiro.

A matriz comunitária, por sua vez, seria um meio termo entre a bricolagem e o espetáculo. São os chamados “times de várzea”, assim conhecidos no Estado de São Paulo, ou clubes amadores. São caracterizados por uma estrutura um pouco mais elaborada, contando com técnicos, massagistas, e com os jogadores desempenhando papéis fixos nos times – o que não impede, por exemplo, um lateral-direito jogar no ataque, se assim for necessário. Não são remunerados e dia de treino, é dia de jogo.

Na prática, as categorias – especialmente a bricolagem e comunitária – podem se confundir, ou mesmo, se fundir. O Ellite, por exemplo, caracteriza-se por ser uma equipe que transita entre a bricolagem e a matriz comunitária. De acordo com a descrição de Damo, se enquadraria na comunitária, devido à sua estrutura e organização, mas os componentes do grupo, no entanto, se intitulam como peladeiros, pois a sociabilidade, lazer e diversão, características da bricolagem, são os elementos que os unem.

Poder-se-ia, então, supor que há um meio termo não apenas entre as matrizes espetacularizadas e bricoladas, mas também entre a bricolada e a comunitária. Parece ser justamente num ponto de embricamento entre a bricolada e a comunitária que se encontra a “pelada organizada” do Ellite: é marcada pela sociabilidade e pelo lazer, não é profissional, é praticada em um parque – e não em um estádio formal -, porém contando com alguma estrutura e organização por parte de quem o pratica².

Falando sobre a pelada dos meninos do bairro onde morava em Porto Alegre, Damo (2007) resume como se dá naquele espaço a prática do futebol na forma bricolada:

o jogo deles é um tanto estranho ao football association: é interdito o uso das mãos, mas *as metas são demarcadas com*

² No dia 20 de maio de 2012 foi publicada no Jornal O Globo uma matéria intitulada “Peladeiros, sim, porém organizados”. Nela, se discute como o futebol jogado nos campos de bairro ganharam contornos de futebol profissional, com partidas apitadas por juizes, uso de uniformes, preparação física, sites e resenhas das partidas na internet. Características, por sinal, semelhantes as do Ellite.

sacos de lixo; tem meninas em meio aos meninos; uns jogam de chinelos de dedo e outros calçados; são de idades e tamanhos variados e há senhas para interromper o jogo quando entra um carro no Beco ou a bola rola para debaixo de um dos que está estacionado; como estas, constroem outras regras; são todos árbitros em potencial, mas é obvio que apenas alguns, os mais poderosos, terão a chance de impor seus juízos, especialmente em casos de conflitos, que de resto são constantes - por vezes tem-se a impressão de que eles param de discutir para jogar, não o inverso. A escolha das parcerias, por exemplo, é uma das atividades mais dispendiosas, pois há que escalonar-se futebolisticamente e ainda conciliar as preferências dadas pelas afinidades que estão à mercê do jogo. Joga-se para ganhar, mas isso não é tudo. Acontece que a brincadeira já está em curso bem antes do jogo começar e são quase sempre as tensões paralelas que determinam o seu final. O jogo de bola é por isso mesmo um detalhe - importante, sem dúvida - da mise-em-scène. (DAMO, 2007, p.166)

De modo geral, e de acordo com a descrição de Damo após observação dos jogos na sua rua, pode-se dizer que nas peladas há mais descontração do que competição; há subversão das regras oficiais; variação na concepção tática do jogo e os padrões éticos e estéticos diferem de uma partida de futebol profissional.

Há ainda interpretações que associam diretamente o futebol-arte brasileiro com esse jogo descontraído das ruas. Como visto no primeiro capítulo, as peladas são consideradas o “verdadeiro” celeiro de craques. A reinvenção de regras e a superação das dificuldades apresentadas pelos terrenos esburacados ou pelas bolas murchas são partes constituintes desse futebol, e também da identidade de quem o pratica. Para Glauco Gonçalves (2011),

é inquestionável a importância das ruas, dos campinhos, da várzea, da praia etc. na formação dos craques ‘de ouro’ do Brasil, e o caminho para descobrir e aprofundar a importância do futebol no país passa necessariamente pela compreensão desses espaços. Esses lugares todos, por mais precários, são fundamentais para a formação e identidade não só dos craques que serão, no limite, inseridos ao profissionalismo, mas do indivíduo, da sua identidade. A rua, a várzea, o campinho, a praia, o terreno, o pátio da escola... são parte fundamental na formação, na consolidação e na manutenção de certa identidade subjetiva, que em muitos casos se confunde com identidade nacional. (GONÇALVES, 2001, p.24-25)

4.1.2.1. As peladas em grupos: os semi-abertos, semi-fechados e fechados

José Geraldo do Carmo Salles (1998) acompanhou para sua dissertação as peladas jogadas no Aterro do Flamengo e utilizou os conceitos de grupos “semi-abertos”, “semi-fechados” e “fechados” para explicar a estrutura dos times que jogam naquele espaço.

Os semi-abertos apresentam variação entre o número de participantes e não há local fixo de jogo. Esses grupos não se preocupam com o campo onde jogam, com o número de jogadores, posição definida, tática e se formam espontaneamente. Qualquer pessoa pode jogar, o acesso é livre, o que proporciona fluidez ao grupo. A escolha dos jogadores pode ser feita por “par ou ímpar” ou respeitando apenas a ordem de chegada no campo. A sociabilidade é definida pelo jogo, e a sua informalidade é também uma característica da pelada. Não são necessariamente criados vínculos entre os participantes para além dos momentos da prática.

Os times semi-fechados são formados por pessoas que apresentam afinidades devido a características em comum, como proximidade na moradia, terem pertencido à mesma turma de colégio, faculdade, entre outros. São equipes que não aceitam pessoas estranhas. O número de participantes pode variar, o que influencia na escolha do local de jogo. As regras são definidas pelo grupo, mas já há uma aproximação com o futebol profissional no sentido de haver um esforço para cumpri-las. Não utilizam arbitragem, sendo as infrações definidas por eles mesmos.

Já os fechados, como o nome diz, não estão abertos a estranhos, havendo controle total sobre quem deve entrar na equipe. Agendam previamente as partidas com os adversários, têm horário e campo fixo para seus jogos. Utilizam ou não juiz dependendo da partida, optando preferencialmente pela presença de um. Possuem uniforme e os jogadores têm posição fixa dentro de campo, obedecendo a alguma estrutura tática. Salles encontrou grupos com esse perfil nos campos do Aterro onde o Ellite joga. Não por acaso, a equipe do Ellite tem essas mesmas características: a formalização do espaço em que jogam ajuda também a estruturar os times.

Em um dia de campo³ que foi incrivelmente rico para mim, mas em que aparentemente tudo deu errado para o Ellite, pude observar a organização dos times de acordo com esses conceitos. O adversário – um time chamado “Ás de Ouros” – ao qual o Ellite estava dando uma segunda chance, já que em outra oportunidade não apareceram para jogar, estava por volta de quarenta minutos atrasado. Alguns contatos por telefone, e a localização foi dada: Avenida Brasil. Ora em Irajá, Coelho Neto, ou Caju. Os jogadores do Ellite não sabiam o que fazer, se esperavam ou não o adversário que estava agendado previamente ou se desistiam do jogo e iam embora.

Como no Aterro o que mais há é gente disposta a jogar, eles aceitaram “bater uma bola” com uns meninos que estavam ali ao redor. Era um grupo que podia ser classificado como “semi-aberto”. Estavam sem uniforme, chuteira ou qualquer organização técnica e tática dentro de campo. Presenciei, então, um confronto entre semi-abertos e fechados, e afirmo que a diferença de nível técnico e tático entre os dois era gritante. Resultado: goleada do Ellite, que interrompeu a partida antes do final, com a chegada do adversário oficial, uma hora e meia depois do horário marcado.

Pensando nas matrizes bricolada e comunitária sugeridas por Damo, que foram discutidas anteriormente, é possível também relacioná-las com a classificação dos times em grupos semi-abertos, semi-fechados e fechados.

A bricolagem parece ser uma característica dos grupos semi-abertos e vai ao encontro da caracterização mais clássica da pelada: a informalidade. Por serem mais fluidos, encaram o improvisado como inerente à prática. Então, aos semi-abertos, como foi dito, não importa o local de jogo ou o número de participantes, aproximando-os assim da matriz bricolada.

Já a matriz comunitária relaciona-se com os grupos fechados. As partidas são realizadas com frequência com os mesmos jogadores, em posições fixas dentro de campo e o acesso é restrito a desconhecidos. Há a figura de um líder, responsável por aquela equipe, que acumula funções de técnico e “cartola”.

³ Diário de campo, dia 19 de outubro de 2011.

A classificação em grupos ajuda a pensar nas diferentes possibilidades de peladas existentes no Aterro do Flamengo e em outros espaços. Chama a atenção a forte organização do Ellite e pode-se indagar até que ponto isso é compatível com a informalidade da pelada “clássica”, ou da “bricolagem”, praticamente a única característica sobre a qual convergem os diferentes autores quando definem a “pelada”.

Então, pensar a pelada como uma prática ampla como o próprio futebol, que pode ser caracterizada de formas diferentes, mas ainda assim ser “pelada”, e levando em consideração o discurso dos jogadores do Ellite, que se consideram “peladeiros”, resolveu a minha questão. É pelada o que o Ellite joga, ainda que organizada, estruturada, formal, contrariando a princípio o que se entende por esta prática, porque está fundamentada na sociabilidade promovida por aqueles encontros e também porque o grupo assim intitula seus jogos semanais.

Analiso no próximo item a “pelada organizada” jogada pelo Ellite Futebol Clube todas as quartas-feiras no Aterro do Flamengo.

4.2. A “pelada organizada” do Ellite F.C.

“A gente é muito organizado. O Ajax fala que é o melhor time de pelada do mundo, a nossa frase é que nós somos o time de pelada mais organizado do Rio... do Brasil.” (Entrevista com João).

Inspirados na estrutura de outros times de pelada que jogavam no Aterro, como o Ajax e o Ark⁴, o Ellite decidiu seguir estes passos antes mesmo de conseguir um horário fixo nos campos. Se estruturar foi importante para entrar no Aterro e conseguir se manter lá.

O site é uma marca registrada da organização do time e foi o que chamou atenção antes mesmo de conhecê-los, já que foi por meio dele que foi feito o primeiro contato com a equipe. É rico em informações sobre a história do Ellite e está sempre atualizado, em função dos jogos semanais. São publicadas resenhas após cada jogo, com o nome dos jogadores que participaram, os autores dos gols, descrição dos lances, as substituições. Um trabalho que lembra os colunistas de cadernos de esporte. A campanha anual também é atualizada a cada partida, com o

⁴ Ver: <http://arkfs.com.br/index.Joãop?pagina=historia>

número de vitórias, derrotas, empates, gols pró, contra, saldo de gols e aproveitamento. O artilheiro da equipe é destacado.

Em “Ellite News” o presidente João escreve uma coluna com as principais notícias do time, como a chegada de novos jogadores, anúncio do novo uniforme, recordação de histórias, sempre em tom de brincadeira entre amigos.

A parte de “Estatística” evidencia a preocupação do time com a organização. Separado em artilharia, presença, campanha, adversários, recordes, são catalogados todos os jogos do Ellite, desde a fundação.

Até brinco, você entra no site do Flamengo e não tem a riqueza de detalhes que tem o da gente. A gente tem resenha e resultado de todos os jogos da história do time. A gente é o único time do Brasil que tem isso, nem o Ajax, nem o Ark, ninguém tem isso como a gente tem, tem mais recente. Mas todos os jogos documentados com resenha, placar, ficha técnica, não tem, só a gente tem. E tem umas coisas de pioneirismo no futebol society...a gente mantém os valores de peladeiros, a essência na amizade e tudo, mas tem algumas coisas que nos colocam na vanguarda. A gente foi o primeiro time no Rio a ter um site, o primeiro a entrar no twitter, o primeiro a fazer um filme. Então a gente tem alguma coisas que colocam a gente na vanguarda do futebol society carioca. (Entrevista com João)

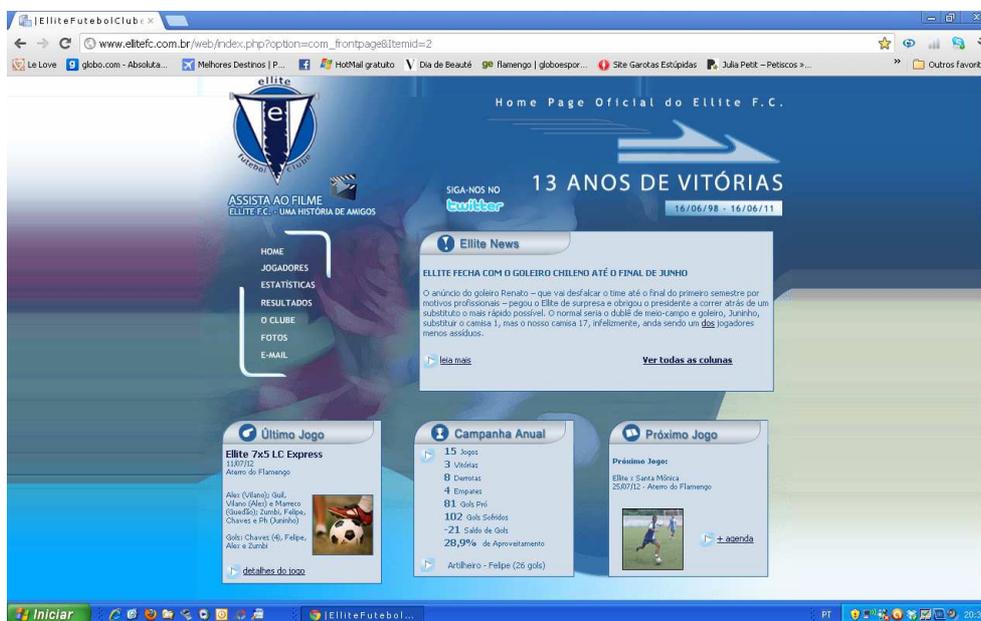


Figura 11. Imagem da *home page* do Ellite.

As partidas de futebol society são disputadas em dois tempos de 40 minutos cada. Ao final de cada tempo, muda-se de lado no campo. São sete

jogadores na linha e o goleiro. Não é permitido tocar com a mão na bola, não há impedimento, e quando há expulsão (raras, por sinal) o jogador se retira da partida por 5 minutos, podendo retornar depois disso.

Os jogadores do Ellite têm posicionamento fixo dentro de campo, característica citada por Damo como parte das equipes da matriz comunitária. Goleiro, zagueiros, meio-campo e atacantes atuam na mesma posição todos os jogos. Raras vezes foi preciso improvisar, e quando isso aconteceu foi porque estava faltando jogador. Jogam com uniforme completo – camisa e calção da equipe – e há uma clara preocupação com a estética dele. A equipe tem dois jogos de uniformes.

Percebi que de forma geral o improviso, reconhecido como comum às peladas, não é encarado de forma tranqüila por todos da equipe. O ideal é sempre que o jogo saia conforme o combinado, com o adversário que estava agendado, na hora marcada e com todos presentes. O improviso está de fato associado a uma pelada descompromissada, “bricolada”, que não é a pelada jogada pelo Ellite. Eles se cercam de uma organização que deve evitar, a princípio, certos acontecimentos.

Acompanhei um dia em que o adversário do Ellite estava atrasado⁵, e João propôs ao time que batessem uma bola com uns meninos que estavam nas arquibancadas. Ao olhar os meninos alguns se negaram a jogar e disseram que iam embora, pois os adversários estavam sem chuteira, a bola estava murcha e não era a equipe previamente agendada para aquele dia. O comportamento dos jogadores foi caracterizado como frescura por João, que falou: “tá parecendo um bando de viadinho da Barra que nunca jogou bola”.

O improviso, que de forma geral é tomado como negativo pelos jogadores do Ellite, foi apropriado pelo capitão para reforçar a ideia de um comportamento que se não deve ter quando se joga pelada. Negar a participação naquele momento cujos acontecimentos haviam saído do previsto era, de certa forma, negar a “pelada como ela é”. Percebe-se, portanto, que o conceito “pelada” pode ser manipulado pelos grupos de acordo com os interesses vigentes na hora da prática.

Damo (2007) afirma que o jogo faz parte da sociabilidade entre amigos, e que é esperado que todos os machos, independente da idade, se interessem por isso. A técnica não é um fator fundamental quando se monta um time de pelada.

⁵ Episódio foi relatado anteriormente.

Espera-se virilidade, força, resistência à dor e coragem como componentes de um jogador nesse tipo de jogo. E que, de certa forma, a manutenção da pelada em um formato mais informal, sem estrutura, cumpre com as condições necessárias para a produção e reprodução de uma estética masculina. O “viadinho” é empregado por João no sentido de que, rejeitando aquele formato de jogo, seus companheiros também não estariam afirmando o comportamento masculino que é esperado no ambiente de pelada.

Já que estavam ali deveriam jogar, apesar dos imprevistos. Quem joga pelada está sujeito àquele tipo de acontecimento, e deve estar disposto da lidar com isso. Os jogadores do Ellite, então, foram convencidos por João e jogaram uma breve partida até o adversário oficial chegar.

No entanto, no Ellite a ideia de se organizar é, também, para evitar os imprevistos característicos da pelada “clássica”. Por isso os adversários são selecionados com cuidado, e o compromisso dos jogadores é levado em consideração.

Ninguém gosta de imprevisto, normalmente é de forma negativa, né. *A gente é organizado, organizado é você prever as coisas.* Acontece...esse ano [2012], por acaso, a gente teve muitos times que furaram com a gente, que não apareceram pra jogar, mas é muito difícil de acontecer isso porque eu sempre selecionei muito os adversários e a gente sempre, mesmo quando o time furava, a gente achava alguém lá no Aterro e jogava. Só que hoje em dia como a gente tá ficando mais velho o próprio time não tá querendo muito isso porque, poxa, a gente pegava muito time ruim, aí o jogo era ruim, a gente ganhava de goleada, ou então os caras eram desorganizados. Aí a gente decidiu hoje em dia não jogar, quando o time fura a gente vai embora. Mas acontece imprevisto...da bola furar, aí tem que alugar uma bola, não ter juiz, eu tive que apitar o jogo semana passada. Mas basicamente o pior imprevisto é o adversário furar. Chuva a gente joga debaixo da chuva mesmo, nunca desmarcamos jogo por causa de chuva. Hoje em dia a gente tem voltado pra casa pra não jogar contra qualquer um, mas a gente já jogou muito jogo lá que na hora arruma o time, dá um nome e bota no site. (Entrevista com João)

Apesar de todo o compromisso com a equipe, o Ellite em algumas partidas realizadas no ano passado foi a campo com o time incompleto. Precisou recorrer a outros peladeiros do Aterro para montar o time, o conhecido “cata-cata”, ou perderiam de w.o. Essa situação rendeu um depoimento – para não dizer uma

bronca – do capitão publicada no site, em que ele diz que o Ellite não é um time de pelada qualquer.

Foi um papelão. Infelizmente, um jogo daqueles para jogar por terra tudo o que o Ellite construiu em 13 anos de história. O título de *time mais organizado do futebol soçaito carioca* definitivamente não é mais nosso. A não ser que tenham mudado o conceito de organização...

O time mais organizado do Rio não pode não ter time pra entrar em campo meia hora depois das 21hs. Pior. Não pode não ter time pra jogar 45 minutos depois do horário marcado. E sem uniforme. Foi o que aconteceu. Sorte que encontramos dois homens de boa vontade (um com mais de 50 anos) dispostos a completar o time. Era isso ou uma derrota vexaminosa por WO. Era melhor perder em campo. (...) Fica a certeza de que o time precisa de uma reformulação no elenco, com *jogadores que encarem o Ellite como um compromisso semanal de verdade – e não como uma pelada, aquela típica: se der eu vou... O Ellite é muito mais do que uma pelada.*⁶ [grifos meus]

Nota-se, portanto, uma preocupação em diferenciar o Ellite do que se entende como time de pelada típico, aquele em que os jogadores pensam “se der eu vou” às partidas. O Ellite procura distanciar-se dessa ideia, mantendo a pelada que jogam “organizada”. No entanto, o grupo se intitula como time de pelada, porque conservam o que consideram a “essência” dessa prática: a amizade.

A informalidade e a falta de compromisso são apontadas por eles como características negativas da pelada, e o Ellite busca afastar-se delas caracterizando-se apenas pelo que consideram mais positivo nas peladas, que é a prática do esporte e o encontro entre os amigos. E, tamanha organização é valorizada pelo grupo por ser uma maneira de formalizar o encontro, diferente de outros tipos de pelada. Porque para o Ellite, mais do que um jogo de futebol, as partidas de quarta-feira são um encontro de amigos, e manterem-se organizados serve também para ajudar a firmar aquele compromisso tão importante para eles.

O Estatuto da equipe⁷ criado em 11 de outubro de 2002 e revisado pela última vez em 2008, inclusive, ressalta, entre outras coisas, a importância do compromisso. A própria ideia de escrever um estatuto, como existe nas agremiações profissionais de futebol, reforça a ideia de organização e compromisso com a entidade Ellite.

⁶ In:

http://www.ellitefc.com.br/web/index.Joãop?option=com_content&task=view&jogo=true&id=1716&Itemid=12

⁷ In: <http://www.ellitefc.com.br/web/files/estatuto.pdf>

O documento é dividido em 11 partes, sendo elas: da entidade e seus fins; do objeto; da presidência; da vice-presidência; do assessor da presidência; do conselho deliberativo; do diretor de futebol e técnico; do diretor financeiro; do webmaster; dos direitos e deveres dos jogadores e, por fim, do campo.

É destacado neste documento que o objetivo do time é, pela prática periódica do esporte, perpetuar os laços de amizade e promover encontros entre os novos e antigos amigos. Por sua vez, cabe aos jogadores pensar sempre no bem estar da equipe, honrar os compromissos e não desrespeitar os companheiros. Uma mensalidade, ou anuidade, é cobrada dos jogadores, com objetivo de custear os gastos da equipe.

O campo 3 do Aterro do Flamengo é estabelecido no Estatuto como “campo oficial” do Ellite, e os jogos - até aquele momento ainda quinzenais - realizados às quartas-feiras, das 21 às 23 horas. Em caso de oferta para jogos fora de “casa”, cabe ao Presidente e ao Conselho Deliberativo decidirem - “independente das condições e do piso”, vale ressaltar – se há condições mínimas para realização das partidas.

A importância de João é enorme para a manutenção e organização do Ellite. Ele concentra as funções de Presidente, capitão, organizador, relações públicas e “cartola”. E o mais importante: demonstra uma alegria e um prazer enorme em fazer parte da equipe. O Ellite pareceu ser, de fato, parte integrante e fundamental da sua vida. E é por causa de João que o time funciona em moldes tão estruturados, sendo esse mérito reconhecido pelos outros jogadores. Ele coordena todas as movimentações da equipe. De toda forma, há uma estrutura administrativa que mantém o Ellite, descrita abaixo por João:

Eu sou o presidente desde a fundação, vitalício. No começo era só eu, mas como o negócio foi ficando bem organizado e a gente foi dividindo as funções. Então a gente tem hoje o José que é o vice-presidente e o diretor financeiro, ele cuida da parte de cobrar o pessoal, tem que pagar mensalidade pra jogar, pra comprar as coisas, ele que faz a planilha e ele me ajuda, é meu braço direito. Tem o Luiz que é o diretor do site, é o webmaster. Cada um tem sua função, eu não me meto, dou meus pitacos no site mas é ele que tem a palavra final. Assim como o José que é o diretor financeiro e diz se dá pra fazer esse uniforme, se não dá, se temos dinheiro ou não temos. E tem o conselho que se reúne pras principais decisões, que é composto por mim, pelo José, Luiz, Pedro e Eduardo. (Entrevista com João)

O elenco do Ellite conta hoje com 16 jogadores. Às quartas-feiras era aproximadamente esse número que comparecia aos jogos, para jogar ou não. Às vezes mesmo machucados marcavam presença, ou quando saíam tarde do trabalho e só conseguiam chegar com a partida já em andamento. Isso reforça a idéia de compromisso com a equipe, e também a importância da sociabilidade promovida por aquele encontro. Entrar em campo para jogar muitas vezes me pareceu irrelevante; mais importante era estar com a equipe.

Durante meu período de campo alguns jogadores pediram dispensa por não conseguirem mais honrar o compromisso e outros foram admitidos na equipe, passando primeiramente por testes. Há uma formalidade para entrar e para sair do time, semelhante às equipes do futebol profissional. O jogador que se desliga da equipe, por exemplo, deve devolver o uniforme completo ao presidente, sendo ressarcido pelo valor pago por ele. O que entra joga primeiro uma série de jogos, e seu comportamento dentro e fora de campo é analisado pelos futuros companheiros.

Ao final do campo o Ellite sentiu a ausência de jogadores para compor o elenco, e a idade um pouco mais avançada pesava frente aos jovens adversários de 20 anos. A assiduidade é muito valorizada, sendo premiado no final do ano o jogador que mais compareceu. Esta, por sinal, é uma característica de algumas peladas: estima-se pelo companheiro que, apesar das dificuldades, aparece para jogar. No Ellite, com toda sua organização, dentro e fora de campo, preza-se ainda mais por essa qualidade.

4.3. A “pelada organizada” no Aterro do Flamengo e a relação com o espaço público

O compromisso com o Aterro do Flamengo é citado como um elemento que trouxe mudanças para os jogadores e para as próprias partidas do Ellite no sentido de que, a partir do momento em que passaram a jogar naquelas quadras, eles começaram a levar mais a sério os jogos realizados. O Estatuto, por exemplo, data do ano seguinte à estréia do Ellite nos campos do Aterro, em 2001.

A história do Ellite está diretamente ligada ao Aterro do Flamengo. Ter dia, horário e local de jogo fixos serviu também para reforçar a manutenção do grupo. Conta João que

a gente jogava na praia, porque o Aterro nessa época, em 98, o Aterro onde a gente joga hoje, era muito concorrido, era terra batida, era muito concorrido. A gente não era criança, mas a gente era mais jovem, tinha 17 anos, tal, e a gente tinha dificuldade de entrar nos campeonatos porque tinham pessoas mais velhas jogando já há muito tempo. Então a gente começou pela praia porque era mais fácil de arrumar campo disponível, já tinha a lá a trave, um campo estabelecido, era de graça, a gente começou a jogar ali. Depois com o tempo a gente foi conseguindo migrar pro Aterro sem horário fixo *até que em 2001 a gente conseguiu horário fixo e se estabeleceu mais ainda porque aí não precisava ficar ligando pras pessoas toda hora pra marcar, todo mundo já sabe que tem jogo lá, não preciso ligar, todo mundo chega e tem jogo lá. É um jeito das peladas se manterem, senão as pessoas não vão, aí fica difícil.* (Entrevista com João) [grifos meus]

As quadras do Aterro do Flamengo são de uso público e gratuito, com o acesso garantido a qualquer pessoa interessada, desde que sejam cumpridas as regras determinadas pela administração do Parque: é preciso se apresentar na Administração do Parque portando documento de identidade e fornecer um número de telefone para, assim, conseguir horário em alguma quadra.

Início agora uma discussão sobre uso, acesso e sociabilidade em espaços públicos, a partir das observações realizadas nos jogos do Ellite F.C. nas quadras de futebol do Aterro do Flamengo.

4.3.1. O que são os espaços públicos?

Primeiramente cabe definir “espaços públicos”. Espaços públicos são áreas de apropriação pública. Podem ter algum tipo de restrição quanto ao seu acesso – como hospitais, escolas, instituições – ou podem ser de livre acesso, a exemplo das áreas de lazer, permanência e de circulação – parques, praças, ruas. Entre essas áreas a característica em comum é o fato de serem administradas pelo Estado e, assim, pertencerem a uma coletividade.

Espaços de uso público e gratuito são cada vez mais escassos em uma cidade como o Rio de Janeiro. E, por sua vez, ocupar essas áreas parece estar na

contramão dos movimentos que, aos poucos, caracterizam a rua como inadequada à permanência e ao uso pelas pessoas.

Em contrapartida, passaram a ser socialmente valorizados espaços privados, a citar clubes, shoppings, academias como lugares legítimos para sociabilidade, lazer, encontros e prática de esporte. De certa forma, isso vai “marcando a passagem do processo de consumo *no* espaço ao consumo *do* espaço e revela a tendência à destruição das condições de realização da sociabilidade pela tendência à eliminação do encontro, submetido cada vez mais à mercadoria.” (CARLOS, 2004, p.11). Os espaços são ressignificados, assim como o lazer e o flunar que se restringem cada vez mais a lugares privatizados e normatizados.

Pensando no futebol, as observações no Aterro do Flamengo me despertaram para uma reflexão. Quanto mais formal for o processo para conseguir um local de jogo, tendem a ser mais formais as equipes e o próprio futebol praticado por elas. A espontaneidade da pelada muitas vezes esbarra na falta de espaços livres nas cidades, o que exige dos peladeiros uma maior organização, seja para alugar uma quadra, ou para conseguirem (e se manterem, se assim desejarem) um campo no Aterro do Flamengo, por exemplo.

Não que todos os times que joguem naquele espaço do Aterro sejam como o Ellite – e afirmo que não são -, mas de alguma forma, quando um representante se apresenta em uma terça-feira na Administração do Parque para pegar autorização para utilizar a quadra – seja semanalmente, ou mensalmente – já não há a mesma ideia de jogo de quem ocupa um terreno baldio, uma praça, um gramado, preocupando-se apenas em encontrar pessoas que estejam disponíveis para jogar naquele momento. A espontaneidade e informalidade se ausentam. Já existe quase sempre um time formado e adversários escalados, seguindo a mesma lógica de quem se dispõe a alugar um campo e pagar por ele.

Nesse sentido, os espaços privados e públicos se aproximam, pois ambos requerem de quem os ocupa algum nível de organização. Isso se reflete nas equipes, que precisam se estruturar. Vem daí a ideia de organização das equipes, característica que, a princípio, deve facilitar o processo de ocupação de certos espaços.

Nas cidades grandes como o Rio de Janeiro, onde não há mais terrenos disponíveis (especialmente na Zona Sul), a ideia é que os peladeiros se organizem

para se integrarem uma organização urbana que praticamente não permite mais improvisos, ou ainda usos improvisados dos espaços públicos. Ordem é a palavra da vez: cada coisa tem sua hora e seu lugar. Os espaços são normatizados e os horários são controlados.

Pensando na relação do espaço público e seus usos pela sociedade brasileira, a interpretação de Roberto DaMatta em “A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil” (1997) é bastante esclarecedora. Afirma o antropólogo que:

Quando digo então que ‘casa’ e ‘rua’ são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de possibilidade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. (DAMATTA, 1997, p.15)

A “rua”, para DaMatta, não é tomada pela sociedade brasileira como um espaço público no sentido de pertencente a todos, comum a todas as pessoas. Na “rua” há espaços tomados por grupos, e ocupados como se estivessem em “casa”. A ida para “rua” é um “combate entre estranhos”, em que como indivíduos estamos à mercê de quem estiver no controle⁸.

Mas o que ocorre comigo quando saio de casa e vou para o mundo da rua e das relações impessoais que ali estão implicados? (...). Se minha visão do Brasil a partir da casa é que a ‘nossa sociedade é uma grande família’, com um lugar para todos, na esfera da rua minha visão de Brasil é muito diferente. Aqui estou em ‘plena luta e vida é um combate entre estranhos. (...) Fico então à mercê de quem quer que esteja manipulando a ordem social naquele momento. (DAMATTA, 1997, p.92)

Se quem determina o uso do espaço é o Estado, a garantia é que o acesso deva ser igual a todos. O que se percebe, em determinados casos, é que esses espaços estão se restringindo e se organizando em nome de uma ordem que acaba por excluir e dificultar o acesso de alguns, e garantir o de outros. A lógica

⁸ Não por acaso durante algum tempo ficou estendida nas quadras uma faixa colocada pela Prefeitura alertando aos frequentadores que o uso das quadras é gratuito.

relacional, característica da sociedade brasileira, passa também pelos campos do Aterro do Flamengo, como será visto a seguir.

4.3.2. A acessibilidade a um espaço público: os campos de pelada do Aterro do Flamengo

Os espaços públicos podem ou não ter o acesso regulamentado por quem os gere, seja ele o Estado ou qualquer outra entidade. Uma praça, por exemplo, pode ter os portões fechados ao anoitecer, proibir que os frequentadores levem alimentos, ou que as crianças brinquem de certos jogos. A praia é outro espaço público, aberto, que é estruturado por determinadas normas, para quem frequenta e para quem trabalha nela.

As regras quanto ao uso e comportamento designam, de certa forma, quais grupos podem ter acesso a esses espaços e de que jeito podem usufruí-los. Nas palavras do geógrafo Fernando Pádua Laurentino (2006),

espaços públicos de livre acesso tornam difícil o trabalho do Estado de controlar, vigiar e punir. Ruas, avenidas, praças e parques são áreas de livre trânsito, sem necessidade da apresentação de documentos, há a ausência de burocracia. Isso faz dessas áreas o espaço público por excelência. Na medida em que ninguém pergunta quem você é, é do direito de todos poder usufruí-lo. No entanto, mesmo assim, há controle. Comportamentos, atitudes, atividades, gestos e manifestações são reguladas e acompanhadas. Se determinadas manifestações e atividades são ou se tornam aceitáveis socialmente e necessitam do espaço público para serem reproduzidas, há, quase sempre, a ingerência do Estado para funcionalizar, regulamentar e disciplinar espaços públicos, a fim de dar vazão a essas manifestações. O que não deixa de ser também uma forma de controle. (LAURENTINO, 2006, p.311)

Quanto mais difícil e burocrático for o processo para conseguir utilizar um espaço público, mais cabe perguntar a quem se destinam os usos daquele lugar. Essa pergunta, por sua vez, leva a pensar se determinados espaços *são públicos* ou se são destinados a um *tipo de público*.

O geógrafo Ângelo Serpa discute o tema da acessibilidade a espaços públicos em um capítulo do livro “O espaço público na cidade contemporânea” (2007), pensando a partir dos exemplos de parques e praças nas cidades de Salvador, São Paulo e Paris. Afirma ele que:

em verdade, os usuários privatizam o espaço público através da ereção de barreiras simbólicas, por vezes invisíveis. O espaço público transforma-se, portanto, em uma justaposição de espaços privatizados; ele não é partilhado, mas, sobretudo, dividido entre os diferentes grupos. Consequentemente, a acessibilidade não é mais generalizada, mas limitada e controlada simbolicamente. Falta interação entre esses territórios, percebidos (e utilizados) como uma maneira de neutralizar o 'outro' em um espaço que é acessível a todos. (SERPA, 2007, p. 36)

As quadras do Aterro do Flamengo são bastante disputadas pelos peladeiros, especialmente por serem gratuitas. E, conforme escreve Serpa, aquele espaço público não é partilhado, mas dividido, no sentido de que não há igualdade na sua disponibilidade.

Não é fácil conseguir horário nos campos de lá, especialmente à noite, às 19 horas, após o fim da jornada de trabalho. No entanto, após o encerramento do horário de trabalho de outros profissionais – os garçons, por exemplo, cujo turno encerra de madrugada - não é necessário ter autorização. O interesse em manter uma ordem limita-se, então, a determinados horários e grupos.

Acompanhando a trajetória de formação do time do Ellite foi possível verificar que a equipe demorou algum tempo até conseguir se fixar no Aterro. O processo é descrito por João:

Foi difícil na época. Entrei em contato com o administrador do Aterro, comecei os contatos, falei que queria arrumar um campo. 'Ah, tá, espera, manda um ofício'. Mandamos o ofício, foi um processo que demorou mais de um ano até a gente conseguir um horário. Eu indo lá várias vezes, falando com o cara, conhecia, ia se aproximando, manda um ofício, manda outro, ligando, vendo como é que tá, o negócio demorou um ano. Aí a gente conseguiu uma permissão quinzenal primeiro, quarta-feira de 15 em 15 dias. E agora há coisa de 3, 4 anos atrás que a gente conseguiu uma permissão semanal. (Entrevista com João)

Muitos times que jogam nos campos têm o “Aterro” no nome⁹, característica que mencionei na introdução deste trabalho. As identidades dos times foram construídas e estão vinculadas ao Aterro, e são mencionadas em

⁹ Como citados na introdução deste trabalho, temos: Ajax do Aterro, Juventude do Aterro, Dínamo do Aterro, Porto do Aterro.

histórias sobre como e porque eles fizeram daquele o seu espaço, a exemplo do Ellite. Uma das explicações sempre aventada é o fato daquela ser uma área de uso gratuito e de acesso a todos, diferente dos clubes e campos pagos da cidade. É comum ouvir o “nosso campo”, “Aterro é nossa casa”, o que denota um apego e uma identificação com o local, muitas vezes pelo tempo em que jogam lá. Outra ideia presente remete à importância que o Aterro adquiriu ao longo do tempo para os peladeiros da cidade.

O Ellite não tem “Aterro” no nome, mas a sua história está totalmente atrelada àquele espaço. Diz João:

(...) acho que a gente é um dos times mais ligados, mas conhecidos no Aterro hoje. *Pelo tempo que a gente já tá lá, e tudo, por essa identidade. O Aterro é a nossa casa, entendeu, então a gente prefere jogar ali do que ir pra um campinho com banheirozinho, limpinho. Porque a gente já tá ali, é tradição, é...enfim, é sagrado aquele lugar. A nossa história tá ali. Se a gente sair dali, vai pra um campo, depois pra outro, a gente perde...ali não, ali é a nossa história, é a identidade. A nossa identidade tá completamente ligada ao Aterro.* (Entrevista com João) [grifos meus]

A questão do tempo é definidora de relações sociais entre determinados grupos. Norbert Elias e John Scotson mostram em “Os estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade” (2000) como se relacionam dois grupos de moradores de Winston Parva, nome fictício de um povoado na Inglaterra, cujas diferenças se dão não pela religião, etnia, classe social, nacionalidade, mas pelo tempo em que residiam na comunidade.

Em Winston Parva, entretanto, todo o arsenal de superioridade grupal e desprezo grupal era mobilizado entre dois grupos que só diferiam no tocante a seu tempo de residência no lugar. Ali, pode-se ver que ‘antiguidade’ da associação, com tudo que ela implicava, conseguia, por si só, criar o grau de coesão grupal, a identificação coletiva e as normas comuns capazes de induzir à euforia gratificante que acompanha a consciência de pertencer a um grupo de valor superior, com o desprezo complementar por outros. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.21)

Pertencentes à região há duas ou três gerações, os “estabelecidos” se vêem como um grupo com uma relação sólida, o que reservava a eles - e apenas entre eles – cargos importantes na comunidade, como no conselho, na escola e no clube. Os “outsiders”, tomados como inferiores, eram excluídos do convívio social,

restando a eles apenas as relações profissionais com os “estabelecidos”. A exclusão de um grupo pelo outro pode ser tomada como uma forma de se preservar a identidade e de manter o *status quo*.

No Aterro, ao que parece, antiguidade é posto. Não que os times se excluam, ou se enxerguem como superiores ou inferiores – muito embora tenha escutado uma declaração nesse sentido durante a Copa do Aterro - mas as equipes que jogam há mais tempo naqueles campos – a exemplo do Ellite e do Ajax - tem um horário e campo fixos semanais, também por serem conhecidas no local. Para uma equipe novata naquele espaço, tal feito seria improvável ou mais, impossível.

Dar essa garantia a algumas equipes – “naturalmente” às que são conhecidas por jogarem há mais tempo no Aterro – diminui as chances de outras utilizarem aqueles campos, e reduz a oferta de dias e horários disponíveis. O espaço público perde a sua vocação inicial, que é atender a todos de forma igualitária. É uma espécie de privatização do lugar, autorizada e reconhecida exatamente por quem deveria democratizar o uso. Impera, nesse caso, a lógica relacional, que privilegia os “conhecidos” e faz com que o Aterro funcione para essas equipes, de certa forma, como um clube privado.

Trago novamente o antropólogo Roberto DaMatta, também na obra “A casa e a rua” (2000), para abordar este tema. Afirma ele que a sociedade brasileira é definida como uma sociedade relacional, ou seja, sua unidade básica é a relação pessoal – família, amigos, conhecidos – e não o indivíduo, ou o cidadão. Isso, em sua opinião, explica os desvios na noção de cidadania, pois o cidadão que não está relacionado a nenhuma pessoa ou instituição de prestígio é tratado como inferior, ou de forma diferenciada. No Brasil o cidadão é aquele que está sujeito à lei, ao passo que as relações de amizade, camaradagem, familiares, estão acima dela.

Assim, abrem-se precedentes de diversas características. Conhecer e ser conhecido dá o direito de usufruir de benefícios que são legitimados por essa justificativa. E parece lógico que seja dessa forma.

Sobre esse assunto, João comenta:

Eles não vão tirar, por exemplo, a gente, ou o Ajax que também tem horário há mais de 10 anos toda segunda-feira lá porque, além de antiguidade ser posto e tal, eles já conhecem, sabem que a gente, o Ajax, são pessoas de bem, pessoas que estão lá ocupando o espaço de forma ordenada, que ninguém usa droga, ninguém fica fazendo bagunça, bêbado. Então pro próprio

Aterro é bom ter pessoas como a gente. Porque o numa época eles recadastraram todo mundo, porque as pessoas estavam pegando permissão e revendendo. Então o cara ia lá, entrava na fila, e ele vendia pra pessoas que não tinham condições de entrar na fila terça-feira, mas queriam jogar. Então vendiam, mas eles [Administração] não queriam isso. De certa forma eles terem o Ellite lá é bom porque eles sabem que a gente tá lá toda quarta-feira, chova, faça sol, tem jogo do Brasil. A gente tem um compromisso, são pessoas do bem, e pro Aterro é ótimo ter a gente lá. É melhor do que ter uma pessoa qualquer, porque eles sabem que a gente cuida do lugar. Se chegar alguém com chuteira de trava lá eu paro o jogo falo ‘pode sair, não pode jogar com chuteira de trava’, já fizemos isso várias vezes. As pessoas que vão lá pra jogar uma vez ou outra não têm esse comprometimento. (Entrevista com João) [grifos meus]

Perguntado sobre o procedimento para conseguir a permissão semanal, João continuou:

Tem que renovar, todo mês tem que pegar a permissão. Mas agora nossa permissão já é semanal. Toda quarta-feira, o campo 3, às 21 horas, é nosso. Mas as pessoas que querem jogar avulso ainda entram numa fila todas as terças-feiras pra pegar a permissão avulsa pra conseguir jogar uma vez, coisa que a gente não precisa fazer, porque a gente já tem lá o horário nosso. Mas é muito concorrido, é muito difícil. É porque é de graça. Os campos hoje de grama sintética são pagos e eles não são baratos. 200 reais não é barato. Então as pessoas humildes realmente não têm condições de jogar [neles]. (Entrevista com João)

As permissões, que antes eram mensais, esse ano passaram a ser semanais devido a uma mudança na Administração do Parque. O Ellite tem autorização para jogar semanalmente no Aterro, em um campo fixo, desde 2001. Após conseguir a vaga, me disse João, que agora “é só formalidade de pegar a permissão, *pois eles passaram a nos conhecer*”. O horário das 21 às 23 horas e o campo 3, às quartas-feiras, já são deles.

Há uma ideia de que o desconhecido pode atrapalhar o bom funcionamento do local, então a preferência é pelos que já ocupam o espaço há algum tempo. O fato de serem conhecidas mantém as equipes mais antigas nas quadras do Aterro do Flamengo com alguns direitos que não são concedidos a todos. O grupo “estabelecido” também enxerga o “outsider” como alguém que possa atrapalhar ou incomodar a ordem já constituída no local - “as pessoas que vão lá pra jogar vez ou outra não têm esse comprometimento” – e, de certa forma trata-los da mesma maneira é um risco.

Mesmo sendo uma escolha jogar em um espaço público, com todas as adversidades que ele tem, apresenta-se uma contradição quando o “público” é assegurado para alguns. O que se vê, de alguma forma nesses casos, é uma clara semelhança com os espaços privados.

4.3.3. A sociabilidade em espaços públicos: a diversidade nas peladas no Aterro.

Ao fazer do Aterro a sua “casa”, o Ellite e outros tantos times fazem também daquele espaço público um espaço de sociabilidade. Uma das vocações deste tipo de ambiente é promover o encontro de pessoas diferentes, colocar “outros” em contato, possibilitar trocas e promover experiências improváveis em lugares de circulação restrita.

Ciente da posição social que ocupam, os jogadores do Ellite entendem e em sua maioria valorizam a experiência proporcionada ao longo dos anos em que jogam no Aterro do Flamengo. Sobre isso comenta João:

Acho que a gente é o time mais elitizado do Aterro, vamos dizer assim. Mas...a gente não tem preconceito e distinção. Eu acho muito legal isso, a gente joga com...alguns do meu time até reclamam ‘pô, João, tu marcou jogo com esse paraíba aí do Aterro, é ruim’, mas eu acho legal, a pelada é isso, não tem distinção de classe social, acho legal isso. Já jogamos contra o Boavista que joga o campeonato carioca, com o dono do Boavista, ele foi lá no Aterro, levou o uniforme do time todo. Claro que não jogou o time profissional contra a gente, jogou o dono, preparador físico, jogador reserva. O cara chegou no aterro cheio de segurança, ele é dono de banco. Mas jogamos também contra porteiro, contra ‘paraíba’, contra cara analfabeto. Eu acho legal isso, ter essa rede de contatos diferentes pra mesclar. É pelada, a essência da pelada é isso. Na hora ali quando você tá em campo não interessa que eu tenho no meu time o Leandro que é diretor de empresa de engenharia...tem também o Carlos que tá começando com a gente e mora no morro, entendeu. Então não tem distinção, na hora do campo ali ninguém sabe que o cara ganha 30 mil por mês e que o outro é analfabeto. (Entrevista com João)

De fundamental importância para a sociabilidade, os espaços livres, como o Aterro do Flamengo, por exemplo, se encontram hoje ameaçados pela reduzida convivência entre as pessoas. Para essa reflexão temos o trabalho de Isaac Joseph (2005), inspirado na produção intelectual da Escola de Chicago, em nomes como Robert Park, Louis Wirth e também Erving Goffman.

Joseph aponta que Simmel (JOSEPH, 2005), predecessor dessa Escola, observa a sensação de liberdade evocada pela grande metrópole como algo que oculta, ao mesmo tempo, uma atitude de reserva do indivíduo diante dos demais, desconhecidos e não-familiares. Segundo Simmel, a cidade, espaço de acessibilidade, de aceleração de trocas, é também lugar onde se dá o distanciamento das pessoas que trocam. “Em um espaço de acessibilidade, a regra compartilhada, o princípio da sociabilidade, é a evitação: fechar os olhos e deixar passar” (SIMMEL apud JOSEPH, 2005, p.123).

Contudo, essa conduta de autopreservação em relação aos outros, vista como algo positivo, pode, no limite, gerar indiferença ou aversão à alteridade, alerta Simmel – uma atitude *blasé*, como ele denomina. Ou seja, em um meio que expande os contatos entre as pessoas, somos inclinados a aprender a reserva. O que é comum à experiência da vida urbana, nesse sentido, são os vínculos fracos, as dificuldades na comunicação e a superficialidade das trocas.

O habitante da cidade, lugar da mobilidade, do transporte, dos meios de comunicação social, é um passante e um ser de passagem. Os valores da urbanidade se desdobram em um espaço de “vários mundos diferentes, certamente contíguos, mas, apesar de tudo, bem distintos.”(JOSEPH, 2005, p.117-118). Um espaço com pouca ou nenhuma organicidade. Joseph afirma que é esta noção de público, enquanto lugar e dispositivo de circulação, explorada por Park:

De repente, a cidade torna-se essa unidade desconcertante de um espaço físico de locomoção e de um espaço abstrato de comunicação que costumamos chamar de espaço público. (...) Menos um espaço consensual do que um espaço de desterritorialização e de mixagem de línguas. O espaço público não é um espaço de produção de universais, mas um espaço de hibridação e de excentramento do qual desconfiamos naturalmente. (...) Esse espaço é, então, trabalhado ‘naturalmente’ pelo preconceito e pelas resistências à comunicação (...). (JOSEPH, 2005, p.119-120)

Desse modo, sobre a concepção de espaço público em Park, Joseph diz que “não se trata de integração, mas de livre circulação entre os territórios e os mundos, não se trata de assimilação das culturas, mas de sua porosidade.” (JOSEPH, 2005, p117).

Aquelas quadras de futebol demarcam um espaço de circulação em que se pressupõe uma igualdade entre seus freqüentadores. Quem disponibiliza de recursos financeiros muitas vezes prefere pagar por espaços especializados e privados de lazer. Quem não pode – ou mesmo faz dessa uma escolha desvinculada à questão financeira, como os jogadores do Ellite - se utiliza de espaços públicos e gratuitos, em uma cidade como o Rio de Janeiro que cada vez mais priva seus moradores dessa oferta.

Os campos de pelada do subúrbio e as quadras pagas na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro possibilitam a seus freqüentadores o contato entre “iguais”. Em situações incomuns – e o esporte é um importante meio para isso – o morador da Zona Sul irá para o subúrbio disputar uma pelada, ainda mais se for nos moldes mais informais dessa prática, assim como o morador do subúrbio não alugará um campo na Zona Sul. Desta forma, um espaço público como o Aterro do Flamengo permite alguma relação, a partir do futebol, entre classes que se distanciam.

O Ellite é composto por homens de classe média que moram em sua maioria em bairros da cidade cujos moradores têm bom poder aquisitivo e poderiam, conforme João diz, jogar em campos pagos ou mesmo mais próximos de casa:

Você vê, eu moro na Barra, o Luiz mora no Recreio, o outro mora em Madureira...o pessoal não mora [perto do aterro]. Quando a gente começou a jogar morava todo mundo ali, mas depois foi ficando difícil, então era muito mais fácil pra gente alugar um campo na Barra e jogar. Todo mundo trabalha, todo mundo tem condição, ninguém é pobre no nosso time, então a gente tem condição e pagar um campinho, 10 reais, por semana pra jogar mais perto de casa. (Entrevista com João)

No entanto, eles sabem que jogar num espaço público proporciona uma experiência que não existe nos ambientes privados. E o futebol, por sua vez, contribui para diminuir, em termos, as distâncias:

Ah, pra gente é completamente diferente [jogar no Aterro]. *O futebol elimina essa distinção [social] e o Aterro mais ainda, sobretudo o Aterro.* Se você for acompanhar lá de noite no Jardim Botânico, tem vários campos ali...tem o Clube dos Macacos, o Catinguelê, você só vai encontrar gente do nosso nível pra cima. Não tem pé descalço jogando lá. É outra coisa,

são empresas que vão lá, faculdades, amigos, você não tem *essa diversidade que a gente tem no Aterro*, não tem de maneira nenhuma. *O Aterro propicia isso, por ser um ambiente público, um ambiente aberto*. Não é completamente de graça porque a gente paga juiz, paga rede, e tal, mas é aberto. (Entrevista com João) [grifos meus]

A prática do esporte possibilita a aproximação de pessoas que ocupam posições socialmente diferentes. Por determinado período de tempo elas estão sob efeito das mesmas regras, passíveis das mesmas punições e das mesmas alegrias.

Falando sobre o futebol de várzea em São Paulo, Daniel Hirata (apud PIMENTA, 2009, p.78) comenta que essa prática esportiva permite uma sociabilidade que vai além da vida local, pois mobiliza jogadores (e torcedores, quando há) a circularem, constituindo o que ele chama de “uma versão popular de um certo cosmopolitismo”. A mobilidade proporcionada pelas peladas resulta em novas formas de contato entre os jogadores e até mesmo com a própria cidade, pois não limita a relação ao lugar onde se mora ou onde se trabalha. Nesse “pedaço” entre a casa e a rua se constroem e são possíveis outras relações sociais, que não as que existem dentro do circuito corrente de cada um.

O próprio Ellite, que tem o Aterro como sua “casa” para realizar os jogos, de vez em quando também faz uso dessa mobilidade permitida pelas peladas. A preferência, no entanto, ainda é por jogos no Aterro. João comentou que

o Ajax joga em vários outros lugares, os outros times jogam em outros lugares. A gente não, a gente só joga no Aterro. Uma vez ou outra, você vai entrar no nosso site lá e vai ver, tem outros jogos...já jogamos em vários lugares, Alto da Boa Vista, Petrópolis, mas de 2001 pra cá, 90% é Aterro. O nosso ‘campeonato’ é no Aterro. (Entrevista com João).

Quando jogado fora de clubes ou campos privados, ou distante da área onde se reside, a aproximação com o “outro” se dá de forma mais intensa. É necessário se relacionar com esse “outro”. Uma das vocações do espaço público é essa: reunir em um determinado lugar, sob igualdade de condições, pessoas diferentes.

O uso do Aterro pelo Ellite garante a eles esse contato com uma diversidade de pessoas. No entanto, a concepção de amizade do grupo, e o tipo de pelada que eles jogam, os mantêm fechados entre eles.

4.3.4. A (falta de) estrutura de um espaço público

Escolher ocupar um espaço público é, como disseram os informantes, também escolher conviver com as dificuldades apresentadas por ele. A infraestrutura dos campos do Aterro é, como foi possível verificar durante o trabalho de campo, bastante precária: não há banheiros, vestiários, estacionamento, policiamento, às vezes falta luz, e a sujeira é considerável.¹⁰ Por esses motivos, e também pela dificuldade em conseguir horário para as partidas, quem tem condições geralmente prefere jogar em um campo alugado.

João, falando sobre os adversários do Ellite, disse que encontra dificuldades em marcar jogos com alguns, devido também a essa falta de estrutura:

A gente tem repetido mais agora [os adversários], mas se você entrar em 2004 [no arquivo do site], você vai ver que os adversários se repetem menos ainda. Eu que marco os jogos procuro não repetir os adversários, menos possível. *Tá cada vez mais difícil fazer isso.* Eu procuro fazer porque acho legal, as pessoas gostam de jogar com times diferentes, conhecer pessoas diferentes, divulgar o nome do Ellite pra outros times, divulgar o Aterro. Então eu procuro não repetir adversário, mas tá ficando cada vez mais difícil *porque tem cada vez mais lugares pra se jogar, opções de campo, com banheiro, com estacionamento, com tudo que a gente não tem pra oferecer. E o Aterro não é um lugar agradável, não pode levar mulher, filho...até pode, mas não é muito agradável.* Então tá cada vez mais difícil, mas a gente procura diversificar. (Entrevista com João) [grifos meus]

Acredito que nesta fala João referia-se a seus “iguais”, que escolhem campos pagos para suas peladas ao invés de aventurarem-se pelo Aterro do Flamengo. Opções de campos gratuitos são cada vez mais restritas, e os que ainda existem, de fato, não têm uma estrutura comparável às quadras privadas e também não tem a qualidade - apesar dos transtornos já citados - e prestígio dos campos do Aterro. É considerado mais confortável e seguro jogar em um espaço fechado, com banheiro, vestiários e estacionamento. São pequenos luxos e mordomias que, quem disponibiliza de recursos, normalmente prefere ter. O próprio

¹⁰ Por algumas vezes meus informantes comentaram comigo sobre os problemas de falta de luz e de banheiros no local, e que isso deveria ser inserido no meu trabalho também como uma forma das reclamações sobre esses problemas chegarem aos responsáveis.

comportamento de evitação comentado por Joseph pode ser citado como um dos elementos que levam à essa preferência de quem tem recursos por espaços privados.

Por isso os adversários do Ellite são quase sempre os times dos “paraíbas”, que não têm dinheiro para pagar um campo e jogam no Aterro, mesmo não sendo um lugar agradável. É a opção que eles têm por não poderem pagar por outra e por não haver tantos campos com a qualidade dos do Aterro disponíveis na cidade.

4.4. A pelada organizada e competitiva: a Copa do Aterro

Minha única experiência observando equipes além do Ellite foi durante a Copa do Aterro. Em abril de 2011, ainda sem ter o tema desta dissertação definido, e com o campo recém começado, acompanhei os jogos do torneio organizado pela Liga do Aterro. Esse campeonato é uma prévia da “Liga Society do Aterro”, que em 2011 aconteceu em setembro e é o maior campeonato organizado por eles. Mesmo sem ter contado com a participação do Ellite – que não disputa mais campeonatos – penso ser importante fazer algumas considerações sobre o campeonato, tendo em vista que ele também caracteriza a “pelada organizada” que é jogada naqueles campos do Aterro do Flamengo.

A Liga do Aterro é composta por equipes que jogam no Aterro do Flamengo e que tem um perfil mais competitivo. Não obtive a informação referente ao ano de 2011, mas em 2012 as inscrições para a Copa do Aterro foram abertas a qualquer equipe, num total de 24 participantes. O valor da taxa de inscrição era de R\$400,00. Já no campeonato principal, a Liga Society, o valor de inscrição sobe para R\$1000,00 e a premiação é de R\$3000,00 para o campeão e R\$1000,00 para o vice. Era permitido inscrever 22 atletas por equipe, o que daria o valor aproximado de R\$45,00 por jogador para o pagamento da inscrição.

Os jogos da Copa do Aterro em 2011 ocorreram às segundas e terças à noite, sempre a partir das 20 horas. Eram realizadas duas partidas por dia, uma em seguida da outra. Os jogos estavam quase sempre bem cheios, mesmo em dias de chuva e frio, o que me impressionou. Os times mais competitivos mobilizam torcida, que a cada jogo acompanhavam as equipes e incentivavam com gritos de guerra e bandeiras estendidas à beira do campo. A rivalidade entre as equipes,

existente pelo fato delas disputarem mais torneios durante o ano, se fez presente durante a competição.

A conversa anterior ao início das partidas era sempre sobre futebol. Àquela altura o Campeonato Carioca estava na reta final, e as discussões entre os jogadores eram todas sobre esse assunto, especialmente às segundas-feiras, por conta da rodada do final de semana.

Um comportamento comum às equipes era quando se aproximava o momento de entrar em campo os jogadores que ainda não estivessem prontos se vestiam e começavam o aquecimento. Logo depois o grupo se reunia e iniciava uma “corrente”, em que pediam garra durante o jogo. Pra jogar, os participantes precisavam anotar em uma espécie de súmula da organização o número da identidade e da camisa que estavam usando.

Foi o primeiro contato que tive com uma pelada com moldes de futebol profissional. Tudo, de fato, aparentava ser muito organizado. Da torcida aos jogadores, passando pelos “dirigentes”, “técnicos” e juiz a reprodução do modelo do futebol profissional era nítida. Percebi naqueles times comprometimento, empenho, rivalidade e competitividade.

O clima dos jogos era contagiante, especialmente por se tratar de uma competição. Ouvi frases como “dentro de campo é guerra”, “hoje o jogo é chapa quente”. A lógica da rivalidade clubística do futebol profissional também se reproduziu naquele espaço, de forma mais intensa entre os times mais antigos e os mais novos no Aterro. “Eles se acham os donos só porque chegaram primeiro”, ouvi de um torcedor, referindo-se a um time que disputa suas partidas há mais de 20 anos naquelas quadras. Ouvi ainda que “camisa não ganha jogo”, e que “o time pode ser uma merda, chegou na final, tem nome, fudeu” também numa menção a uma equipe mais antiga e conhecida no Aterro.

As torcidas desempenhavam um papel importante. A cada jogo o número de pessoas presentes aumentava, e percebi que nem todas tinham relação com os jogadores. Algumas estavam ali simplesmente para acompanhar um campeonato de pelada, mas pareciam ser frequentadoras do Aterro porque sabiam quais eram os times que estavam jogando.

Na final do campeonato, um dia de chuva e frio, me impressionou a quantidade de pessoas presentes. O jogo foi entre o Ajax e o Juventude do Aterro, um embate entre “antigo” e “novo”. Àquela altura, depois de acompanhar algumas

partidas de ambos os times durante o torneio, me peguei torcendo de forma bastante entusiasmada pelo Juventude, muito por conta da rivalidade acirrada pela questão do tempo de Aterro do Flamengo. Minha torcida, no entanto, não rendeu frutos e acompanhei de longe – enquanto esperava o ônibus para ir para casa pois já passava de meia-noite e o jogo não havia acabado – o Ajax vencer. Enquanto isso, um carro parou nas pistas da Praia do Flamengo para também observar o jogo que, devido aos gritos, chamava atenção de quem por ali passava.